

## CRONICON

Ione Maria Ghislene Bentz

As paredes nuas, não frias. O silêncio quebrado. Lá fora, jovens explodem em vida. Sol tímido ferindo o aço da mesa.

Livros, papéis, cigarros em desalinho natural, largados sobre a superfície plana, talvez como as coisas do mundo, à deriva.

— Queres falar?

— Não. Preciso sair.

Sair, andar, sentir o vento, o sol, o azul, o verde.

Sentir a adesão muda e viva do universo circundante.

— Busco respostas.

— Também. Se não respostas, caminhos.

— Há horas em que as paredes familiares asfixiam, em que o trabalho-lazer é inimigo.

— Ânsia de pensar, de sentir às soltas. A amplidão libertadora, o horizonte no confluir das cores do céu e sol. Contornos nítidos, a vegetação. A ordem do universo, a ordem do mundo particular, a busca.

— Perfeita comunhão homem e cosmos.

— Ânrias de sentir, no corpo quente de vida, a grama orvalhada e a dureza da pedra. O cheiro de terra.

“Tu és pó e a pó tornarás.”

— Por que a natureza?

— Hoje, sei. Certeza de uma vida escrava. De quem?

Dos homens e de mim. Eu e os outros, meus grandes inimigos. Natureza, purificação. Água, fogo, ar. Como nos atraem! Feita em chuva que cai, em sol que aquece, em brisa que move.

Umidade, calor, mobilidade.

Sentir, simples e puro sentir.

— Sensibilidade cala e fala o homem. Afinal, o que é a vida, o que é o homem? Não é corpo no espaço terra. É corpo em conexão com a terra.

Percepção, sensação.

— Sensibilidade, sensível, sentidos. Sentidos, catalisadores de vida, de emoções.